

SEM DATA

Nuno Júdice*

O grito único e irrepetível da Primeira Elegia de Rilke (*Quem, se eu gritasse, me ouviria dentre as ordens / dois anjos?*, na tradução de Paulo Quintela) vai ganhar uma amplificação dramática através da repetição quase anafórica da palavra no poema “Sem data” de Sena: *gritei, ter gritado, gritava, gritava*. O que em Rilke é a expressão trágica dessa impossibilidade que é ouvir uma resposta do mundo superior à interrogação do Homem, converte-se numa reiteração do grito que traduz o inconformismo perante esse silêncio dos anjos, convertendo o grito em fórmula poética. O que Sena faz, neste poema de *Perseguição (1942)*, é questionar o próprio transcendente, para não falar do sagrado, através da procura de uma resposta no próprio mundo envolvente. Estamos perante uma celebração agnóstica desse diálogo com o sagrado a que, por vezes, a poesia aspira, o que não pode senão ser uma resposta também ao próprio drama rilkeano: a ausência dessa voz dos anjos que torna inútil, par além da constatação do vazio, uma invocação ritual que, no grito da primeira Elegia, foi única no seu desespero. De certo modo, o que Rilke fez foi, através desse grito profano, humanizar o apelo religioso através da linguagem poética, elevando o homem à esfera do divino na sua tentativa de fazer com que os anjos prestem ouvidos à sua voz. Ao contrário dele, Sena recoloca os anjos na sua dimensão religiosa, e atribui ao grito o lugar substituto de um “remorso” que não é senão o do pecado original: *Quando acabava uma soma de silêncios, / gritava o resultado, não gritava um grito*. A troca do *grito*, forma de interrogação, pelo *resultado*, conclusão racional e acto já consciente, dedutível de um encadeado lógico em que *grito* e *resultado* são sinónimos, questiona a crença rilkeana nesse espaço do Belo, “começo do terrível”, onde circulam os anjos; e é já uma verificação de que o projecto da transcendência ligado à criação poética se vê frustrado pela verificação de

que, afinal, o grito de Rilke não passou de uma “ingenuidade”, o que leva o poeta a uma denúncia do transcendente: *Apetece-me explicar, agora, as asas dos anjos.*

O espaço da iluminação – da visão do belo – é aqui reconduzido à possibilidade de uma “explicação”; sendo que o objecto dessa explicação não é o Anjo, em si – o Terrível desse anjo, ou seja, a sua Beleza, não está ao alcance da razão humana – mas sim as “asas”, o que permite o “voo”, situando-se aqui a possibilidade dessa explicação ao acto mecânico que distingue o anjo do homem, através das asas que libertam esse anjo – simples figura alegórica do “voo” – da esfera terrestre que prende o homem. O acto de explicar – que também reconduz, por outro lado, ao discurso e à mediação verbal – vai introduzir um plano abstracto, e técnico, no que em Rilke era apenas visão e sensação (o Anjo e o terrível).

O que temos no poema de Sena, então, é a transferência dessa busca da visão da Beleza, inacessível para o homem, e que este sabe que só no instante de uma revelação entreaberta pelo apelo do poema poderá ser revelada, para algo de mais concreto, que é a experiência que consiste em transformar essa ausência num projecto de busca do que a ausência manifesta: a perda do objecto procurado. Assim, é apenas a dinâmica da procura que o poema vai descrever, através de uma explicação desse acto mecânico do movimento para que remete a imagem das asas, fragmentando ou segmentando a imagem do anjo nessa parte do seu corpo que, através da metonímia, faz do momento da escrita uma metáfora do “voo” que porá ao mesmo nível ascensional o poeta e o anjo.

O que Jorge de Sena, em conclusão, aqui faz é restituir o poético ao plano do humano, desmitificando-o, ao retirar-lhe essa aura de sacralidade que só em momentos altos – como o da Primeira Elegia de Rilke – é possível obter. No entanto, isso em nada retira uma outra dimensão fundamental do poético: a sua intemporalidade, e o seu alcance universal, indispensáveis para que o poema se realize como tal.

* Foi Professor Associado da Universidade Nova de Lisboa. Actualmente é director da revista Colóquio-lettras da Fundação Calouste Gulbenkian. Publica obras de poesia, ficção e ensaio.